

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XIII, Nº 02 – 2009, FEVEREIRO
Assinatura até 31.12.09: 10 selos postais de 1º Porte Nacional
Não-comercial (R\$ 0,65) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.
Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!
www.haicu.sf.nom.br

Te vas! Todos se van! y tú me miras,
oh perla pura en flor, como quien echa
en honda copa joya resonante, –
y a tus manos tendidas me abalanzo
como a un cesto de frutas un sediento.
De la tierra mi espíritu levantas
como el ave amorosa a su polluelo.

José Julián Martí 1853-1895, Mantilla Andaluza, Versos Libres,
José Martí Poesía Completa, Tomo I,
Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

A la luz de una lámpara sombría,
sobre un lecho de flores reclinada,
cual luna por la noche embalsamada,
entre nubes de amor adormecida.

Virgen del mar sobre la espuma fría,
por el rumor del mar era arrullada;
un ángel a bañarse en la alborada
y a procurar regazo, parecía.

¡Era admirable! El seno palpitando,
negros ojos los párpados abriendo,
la luz de su desnudo resbalando...

Ángel mío, no rías esto oyendo:
por ti las noches desvelé llorando
y he de morir, en sueños, sonriendo.

Alvares de Azevedo 1831-1852, Virgen del Mar

Dentro del ataúd como en un lecho,
palidamente fría, adormecida,
así la vi: las manos sobre el pecho
y en los ojos sin luz el sol sin vida.

Apretaba sus pies un mudo estrecho
y la ropa de seda, bien vestida,
dibujaba su torso muy derecho
y realizaba su cara dolorida.

En las sienas el símbolo de Vesta
y entre los dedos lirios, adornada
como novia... vencida en plena fiesta.

Seis potros blancos, la carroza alada...
¿Donde adormecerás tu larga siesta
en aquel lecho en que te vi acostada?

Luiz Delfino 1834-1910, Cadáver de Virgen

Cuerda que rompe en arpa mal tañida
así te vas ¡oh dulce compañera
de fortuna y desgracia! verdadera
otra mitad del alma entristecida.

Rama de agosto tronco que partida
vi retoñar en tierra brasilera,
y allá extendió la sombra placentera
en que todo infortunio halló acogida.

Te hirió la ingratitud en su delirio,
fuiste tronchada, y solo, en mi abandono,
apenas soy en tu sepulcro un cirio.

Fuiste feliz; descansa sin encono.
Madre de pueblos: se acabó el martirio;
hija de Reyes: bien ganaste un trono.

D. Pedro II 1835-1891, En la Muerte de la Emperatriz

Sonetos Brasileños, traducidos al español por D. Álvaro de Las Casas
Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro 1938

Perdoa se fui ousado...
não estou arrependido!
Quem ama não tem pecado,
pecado... é o tempo perdido!

Alba Helena Corrêa, "0802"
Trovalegre, Caixa Postal 181
37550-000 – Pouso Alegre, MG

É um detalhe terno e doce
que a saudade vem lembrando...
E, eu sinto como se fosse
o meu passado voltando!

Clenir Neves Ribeiro, 0812
Valetrova, Caixa Postal 119
12010-970 – Taubaté, SP

Morena, não tem mais jeito,
vou prender você agora
na redoma do meu peito
e jogar a chave fora.

Deusedit Rocha, 0901
O Patusco, Caixa Postal 95
61600-000 – Caucaia, CE

De tanto fumo fumado
sua bronquite dava dó
e um dia o pai do coitado
fumo usou no paletó...

Manoel F. Menendez

Liberta este amor profundo
dos grilhões dos teus desertos,
que o maior Homem do mundo
morreu de braços abertos.

Milton Nunes Loureiro, 9902
Fanal, Rua Álvares Machado 22, 1º
01501-030 – São Paulo, SP

Se eu soubesse que chorando
empato a tua viagem
meus olhos seriam rios;
não te deriam passagem.

Volta Seca, 0809, Binóculo:
Rua Carlos Vasconcelos 3100/602
60115-171 – Fortaleza, CE

No fundo do cañón
revolta-se o riacho.
Chuva de verão.

Chuva de verão.
O rio que corta a cidade
com cheiros da serra.

São cinco da tarde,
escurece o calçadão.
Guarda-chuvas pretos.

Toró de verão.
A cidade se transforma
em poucos segundos.

No caminho
para o trabalho...
a cigarra canta.

Areia escaldante.
Um banhista sem chinelos
correndo aos pulos.

Uma garça branca
pousada na copa da árvore.
Mormaço da tarde.

Sérgio Francisco Pichorim, Che Paraná Porã, 2006 – Grêmio Haicai Manacá/Araucária Cultural, Contatos: (41) 3029-8713

TEMAS DA SAZÃO VERÃO – QUIDAIS DE VERÃO

No fim da folia
Rei Momo, sem fantasia,
recomeça a lida.

Alba Christina

Dia amanhecido.
Espalhados no salão
confetes a rodo.

Analice Feitoza de Lima

Fim de carnaval.
Gari varre a avenida
cheia de confete.

Argemira F. Marcondes

Festa de Iemanjá.
A praia inteira se enfeita
de luzes e flores.

Humberto Del Maestro

O cortejo passa...
Povo em alegre euforia,
no maracatu!

Iraí Verdán

Veloz, desce o morro.
Bateria na Avenida.
Foliões unidos.

Olga dos Santos Bussade

Mundo colorido.
Domingo de Carnaval
na Sapucaí.

Roberto Resende Vilela



HAICUS E M FOLHA

Na teia orvalhada,
banhada pelo luar,
a aranha repousa. K

Amália Marie Gerda

Tece sua teia
pequena aranha artesã.
Renda no jardim. A

Angelica Villela Santos

Debaixo da cama,
o sapato do vovô
com teias de aranha. D

Analice Feitoza de Lima

Na quadra da escola,
apuração do desfile.
Sambistas ansiosos. K

Angelica Villela Santos

Fim do carnaval.
Apuração agitada.
Tristeza e alegria. D

Analice Feitoza de Lima

O pobre mosquito
entra na teia da aranha
virando um jantar. K

Argemira F. Marcondes

Do alto do xaxim,
os caules da samambaia
já tocam o chão. A

Angelica Villela Santos

A escola vencendo,
terminando a apuração.
Sambistas deliram. S

Argemira F. Marcondes

Com bote certoiro,
a aranha abocanha
o seu desjejum... D

Darly O. Barros

Beira de telhado
a pequena aranha tece
seu chroché mortal. A

Denise Cataldi

Canto de varanda:
a samambaia chorona
viceja na sombra... D

Denise Cataldi

Nas arquibancadas
os foliões ansiosos.
Fim de apuração. D

Denise Cataldi

Sambista nervoso
aguardando o resultado.
Dia da apuração. S

Djalda Winter Santos

Verdes samambaias
em vasos na parede.
Varanda enfeitada. S

Djalda Winter Santos

Muita controvérsia
no dia da apuração.
Bafafá geral. S

Flávio Ferreira da Silva

Desce em longas folhas,
entre as ramas do coqueiro –
samambaia metro. S

Iraí Verdán

Escola de Samba,
silêncios, exclamações.
Apuração. K

Manoel F. Menendez

Teias no teto
já quase todo ocupado.
Gente com vassoura. S

Manoel F. Menendez

Samambaias eretas,
e as curvas dos esporófitos.
Um vaso na entrada. S

Manoel F. Menendez

Por entre a folhagem
estremece a teia;
aranha em fuga. K

Neuza Pommer

Touceiras à sombra,
água escorrendo, frescor...
Samambaias. K

Neuza Pommer

Fim da apuração;
multas quebram, cantam.
Festa no salão. S

Neuza Pommer

Aranha constrói
sua teia na janela.
Cortina de seda. D

Regina Célia de Andrade

Foliões aplaudem
no final da apuração.
Escola campeã. K

Regina Célia de Andrade

Do gancho no teto
pende o pé de samambaia.
Móvil de folhas. S

Regina Célia de Andrade

Família em viagem
acompanha a apuração
na TV do hotel. D

Renata Paccola

Visita contempla
samambaia pendurada
no teto da sala. K

Renata Paccola

A teia de aranha
ornada de moscas mortas
tapa uma janela. S

Renata Paccola

O hocu era e é a partida para o encadeamento de estrofes conhecido como haicai, e nada tem a ver com os demais tercetos ou duetos deste. O hocu (literalmente *estrofe inicial*), devido a sua função no encadeamento, era e é um terceto aberto. Considero o haicu com seus mesmos princípios, e contendo um corte no texto, a mais antiga poesia moderna do mundo.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo

(palavra da sazão), *seu único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, alterações nos seus substantivos, etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, *só persistindo*. Vamos lá, comece já!

Num Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), à parte, orientaremos sobre os tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção para os mesmos. *Aguardamos seus trabalhos*.

SELEÇÕES MENSAIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

✉ Até o dia 28.02.09, enviar até 3 haicus de quigos: Grilo, Nevoça, Paineira. 🐣

Até o dia 30.03.09, enviar até 3 haicus de quigos: Dia dos Namorados, Goiaba, Garoa.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Rua Des. do Vale 914, Apto. 82
05010-040 - São Paulo, SP

ou
mfmenendez@superig.com.br

3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

Mais vale um haicu enviado do que três na mão! – Não deixe para amanhã, o que puder fazer agora!

T R E V O S À M O D A O C I D E N T A L , T R E V O S P E R S O N A G E M E O U T R O S

Na Escola de samba emplumados e enfiados os egos desfilam...	Todos molhados no entrudo carnavalesco; era refrescante.	Escola de Samba sonhando ser campeã teme pesadelo...	Sempre um sofredor hoje esquece da balança, rindo o Rei Momo...	Escola de Samba vitoriosa no desfile: enredo genial.	Escola de samba invade a televisão: fantasia presa.	Carnaval chuvoso. Até o mar acordou de ressaca.
Darly O. Barros	Denise Cataldi	João Batista Serra	Maximiliano U. Moncam	Olga Amorim	Renata Paccola	Sérgio Francisco Pichorim

I

Para apalpar as intimidade do mundo
(é preciso saber:

- a) que o esplendor da manhã não se abre com faca
- b) o modo como as violetas preparam o dia
(para morrer
- c) por que é que as borboletas de tarjas vermelhas
(têm devoção por túmulos
- d) se o homem que toca de tarde sua existência
(num fagote, tem salvação
- e) que um rio que flui entre 2 jacintos carrega
(mais ternura que um rio
(que flui entre dois lagartos
- f) como pegar na voz de um peixe
- g) qual o lado da noite que umedece primeiro.
etc
etc.

Desaprender oito horas por dia
(ensina os princípios.

II

Desinventar objetos. O pente, por exemplo.
Dar ao pente funções de não pentear.
Até que ele fique à disposição de ser
(uma begônia. Ou uma gravanha.

Usar algumas palavras
que ainda não tenham idioma.

III

Repetir repetir – até ficar diferente.
Repetir é um dom do estilo.

IV

No Tratado das Grandezas do Ínfimo
estava escrito:
Poesia é quando a tarde
está competente para dalias.
É quando
ao lado de um pardal o dia dorme antes.
Quando o homem faz sua primeira lagartixa.
E quando um trevo assume a noite
e um sapo engole as auroras.

V

Formigas carregadeiras entram em casa de bunda.

VI

As coisas que não têm nome
são mais pronunciadas por crianças.

VII

No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo,
(lá onde a criança diz:
(Eu escuto a voz dos passarinhos.
A criança não sabe que o verbo escutar
não funciona para a cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um verbo,
(ele delira.

E pois.
Em poesia que é voz de poeta,
que é a voz de fazer nascimentos –
o verbo tem que pegar delírio.

VIII

Um girassol se apropriou de Deus:
foi em Van Gogh.

IX

Para entrar em estado de árvore é preciso
partir de um torpor animal de lagarto
às 3 horas da tarde, no mês de agosto.
Em 2 anos a inércia e o mato
(vão crescer em nossa boca.
Sofreremos alguma decomposição lírica
até o mato sair na voz.
Hoje eu desenho o cheiro das árvores.

X

Não tem altura o silêncio das pedras.

XI

Adoecer de nós a Natureza:
– Botar aflição nas pedras
(Como fez Rodin).

XII

Pegar no espaço contigüidades verbais
é o mesmo que pegar mosca no hospício
para dar banho nelas.
Essa é uma prática sem dor.
É como estar amanhecido a pássaros.

Qualquer defeito vegetal de um pássaro
pode modificar os seus gorjeios.

XIII

As coisas não querem ser vistas
por pessoas razoáveis:
Elas desejam ser olhadas de azul –
que nem uma criança que você olha de ave.

XIV

Poesia é voar fora da asa.

XV

Aos blocos semânticos dar equilíbrio.
Onde o abstrato entre, amarre com arame.
Ao lado de um primal deixe um termo erudito.
Aplique na aridez intumescências.
Encoste um cago ao sublime.
E no solene um pênis sujo.

XVI

Entra um chamejamento de luxúria em mim:
Ela há de se deitar sobre meu corpo
em toda a espessura de sua boca!
Agora estou varado de entremências.
(Sou perverso pelas castidades?
Santificado pelas imundícias?)
Há certas frases que se iluminam pelo opaco.

XVII

Em casa de caramujo até o sol se encarde.

XVIII

As coisas da terra lhe davam gala.
Se batesse um azul no horizonte seu olho entoasse.
Todos lhe ensinavam para inútil
aves faziam bosta nos seus cabelos.

XIX

O rio que fazia uma volta atrás de nossa casa
era imagem de um vidro mole
que fazia uma volta atrás de casa.
Passou um homem depois e disse:
Essa volta que o rio faz por trás de sua casa
se chama enseada.
Não era mais a imagem de um cobra de vidro
que fazia uma volta atrás de casa.
Era um enseada.
Acho que o nome empobreceu a imagem.

XX

Lembro um menino repetindo as tardes
naquele quintal.

XXI

Ocupo muito de mim com o meu desconhecer.
Sou um sujeito letrado em dicionários.
Não tenho que 100 palavras.
Pelo menos uma vez por dia
me vou no Moraes ou no Viterbo –
a fim de consertar a minha ignorância,
mas só acrescenta.
Despesas para minha erudição
(tiro nos almanaques:
– Ser ou não ser, eis a questão.
Ou na porta dos cemitérios:
– Lembra que és pó e que ao pó tu voltarás.

Ou no verso das folhinhas:

– Conhece-te a ti mesmo.
Ou na boca do povinho:
– Coisa que não acaba no mundo
é gente besta e pau seco.
Etc
Etc
Etc.

Maior que o infinito é a encomenda.

Manoel de Barros, Uma Didática da Invenção

Minha terra tem macieiras da Califórnia
onde cantam gaturamos de Veneza.

Os poetas da minha terra
são pretos que vivem em torres de ametista,
os sargentos do exército

(são monistas, cubistas,
os filósofos são polacos
(vendendo a prestações.

A gente não pode dormir
com os oradores e os pernilongos.
Os sururus em família têm por testemunha
(a Gioconda.

Eu morro sufocado
em terra estrangeira.

Nossas flores são mais bonitas
nossas frutas mais gostosas
mas custam cem mil réis a dúzia.

Ai quem me der
chupar uma carambola de verdade
e ouvir um sabá com certidão de idade!

Murilo Mendes, Canção do Exílio.

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifício,
se permaneço ou me desfaço,
– não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno e asa ritmada.
E um dia eu sei que estarei mudo:
– mais nada.

Cecília Meireles, Motivo

Vim, como todo mundo,
do quarto escuro da infância,
mundo de coisas e ânsias indecifráveis,
de só desejo e repulsa.
Cresci com a pressa de sempre.

Fui jovem, com a sede de todos,
em tempo de seco fascismo.
Por isso não tive pátria, só discos.
Amei, como todos pensam.
Troquei carícias cegas nos cinemas,
li todos os livros, acreditei
em quase tudo por ao menos um minuto,
provei do que pintou, adolesci.

Vi tudo que vi, entendi como pude.
Depois, como de direito,
endureci. Agora a minha boca
não arde tanto de sede.
As minhas mãos é que coçam –
vontade de destilar
depressa, antes que esfrie,
esse caldo morno de vida.

Paulo Henrique Britto, Geração Paissandu

Havia um corredor que fazia cotovelo:

Um mistério encanando
com outro mistério, no escuro...

Mas vamos fechar os olhos
e pensar numa outra cousa...

Vamos ouvir o ruído cantado, o ruído arrastado
(das correntes no algebe,
puxando a água fresca e profunda.
Havia no arco do algebe trepadeiras trêmulas.
Nós nos debruçávamos à borda, gritando os nomes
(uns dos outros,
e lá dentro as palavras ressoavam fortes, cavernosas
(como vozes de leões.
Nós éramos quatro, uma prima, dois negrinhos e eu.
Havia as azulejos reluzentes, o muro do quintal,
(que limitava o mundo,
uma paineira enorme e, sempre e cada vez mais,
(os grilos e as estrelas...

Havia todos os ruídos,
todas as vozes daqueles tempos...
As lindas e absurdas cantigas, tia Tula
(ralhando os cachorros,
o chiar das chaleiras...

Onde andarás agora o pincenê da tia Tula
que ela não achava nunca?
A pobre não chegou a terminar
a Toutinegra do Moinho,
que saía em folhetim no Correio do Povo!...
A última vez que a vi, ela ia dobrando aquele
(corredor escuro.

La encolhida, pequenininha, humilde. Seus passos
(não faziam ruído.

E ela nem se voltou para trás!

Mario Quintana, Segunda Canção de Muito Longe

Olho muito tempo o corpo de um poema
até perder de vista o que não seja corpo
e sentir separado dentre os dentes
um filete de sangue
nas gengivas.

Ana Cristina Cesar,
“Olho muito tempo o corpo de um poema”

Foi no Rio.
Eu passava na Avenida quase meia-noite.
Bicos de seio batiam nos bicos de luz
(estrelas inumeráveis.

Havia a promessa do mar
e bondes tilintavam,
abafando o calor
que soprava no vento
e o vento vinha de Minas.
Meus paralíticos sonhos desgosto de viver
(a vida para mim é vontade de morrer)
faziam de mim homem-realejo imperturbavelmente
na Galeria Cruzeiro quente quente
e como não conhecia ninguém a não ser
(o doce vento mineiro,

nenhuma vontade de beber, eu disse:
Acabemos com isso.
Mas tremia na cidade
uma fascinação casas compridas
autos abertos correndo caminho do mar
voluptuosidade errante do calor
mil presentes da vida aos homens indiferentes,
que meu coração bateu forte, meus olhos inúteis
(choraram.

O mar batia em meu peito, já não batia no cais.
A rua acabou, quede as árvores? a cidade sou eu
a cidade sou eu
sou eu a cidade
meu amor.

Carlos Drummond de Andrade, Coração Numeroso